WALFYNOS

Eduardo Maiczak

WALFYNOS

As aventuras de Jackson Leander:
A Cidade Oculta



Curitiba - PR

Prólogo

Um véu alaranjado espalha-se no céu da pequena vila, criando uma paisagem amena para aquela. O vento, gelado e inquieto, por sua vez leva consigo tudo que emerge das chaminés. Levando uma fumaça com cheiro de madeira queimada, e de carne assada, atraindo olhares famintos ao redor da vila. Mas esses olhares não se atrevem a invadir à luz do sol, preferem roubar a comida de noite, quanto estão ocultos pelo fraco luar, assim, evitando as pedradas ou as vassouradas que os residentes usam para afasta-los.

Esse vila chama-se Cambey, uma vila que geralmente fica vazia, ficando cheia apenas em férias ou em feriados, quando familiares juntam-se para relaxar nesse prazeroso lugar.

Nos dias comuns, vivem por lá, apenas pessoas amenas, tranquilas, onde alguns trabalham no campo e outros em pequenos armazéns da vila. Tendo como o local mais agitado daquelas bandas o bar dos Kenedy, esse mantendo-se em frente a uma grande arvore, e essa, por sua vez, cercada de casas, armazéns e bares, formando assim um círculo no meio da vila. E é nesse círculo que brotam quase todas as estradinhas da vila, mas essas estradas não passão de chão batido, de grama ausente.

Indo para a margem da vila, não muito longe do centro, olhando para uma casa nada diferente, tendo arvores ao redor como qualquer outra, nota-se uma força estranha vindo de um homem. Uma estranha força para qualquer humano, um poder imensurável aprisionado, almejando a explodir, mas contido por ele, por sua própria escolha.

O tal homem repousa em sua casa, a casa do Jackson, ou Jack, como todos costumam dizer. O tal sujeito beira os 30 anos, meio alto, olhos intensamente verdes, rosto fatigado, com barba feroz. Seu cabelo era claro, castanho, era solto, era meio longo e fino, esvoaçando ao vento.

Jack é alguém que costuma repousar sobre um sofá e pensar, e pensar... Ele as vezes gosta, em outras não, de manter uma conversa com um ou outro vizinho, como conversas para atualizar os pequenos detalhes da pacata cidadezinha, tais como a nova mesa, pesada e cara de Annie, uma senhora de 62 anos que sempre se exibi com que seu filho compra, ou faz para ela; ou como a recente gravidez indesejada da pequena Renata, uma moça linda de cabelos longos e loiros que mal sabe ao certo quem é o pai da criança, da qual ela carrega há mais de 3 meses.

Mas tudo isso é comum para o bem aventurado Jackson, que mantem esses detalhes por pura regra social, para não ser visto como um urso isolado, com um lobo solitário ou um louco que só sabe beber e falar sozinho. Mas sua escolha em isolar-se não foi escolhida pelo seu jeito de ser, e sim para ajustar sua mente naquele mundo. E foram longos meses para ele relaxar, refletir e lembrar das suas peripécias da juventude, a qual foi vivida intensamente, e perigosamente, por um longo tempo.

Mas nesse dia Jack não descansa por completo, ele pensa em respostas para certo alguém, para alguém que ele deve explicações. Mesmo que essas respostas fossem longas, e inquietantes de se contar, ele devia afrontar essa situação.

Capítulo 1
Filho do Dragão

O homem permanece em sua melhor poltrona, de frente para sua melhor janela, e de lá vê um bocado da agitação da sua vila. Enquanto isso pensa no seu passado, procura por explicações do seu destino, procura por coisas que a vida lhe dera, coisas que ele já tinha esquecido.

Jack as vezes cheira o vapor aromático dos grãos, as vezes sente o calor que a caneca libera, ao toca-la. Repetindo

isso diversas vezes ao longo do seu café. Atos de um velho, contudo, Jack é alguém muito novo, ainda, para ser chamado de velho.

Esse homem, com tantas rugas e tantas recordações, não guarda em si meros casos simples, ele guarda segredos e emoções raras para qualquer humano. E seu aspecto espiritual lembra um baú empoeirado, com pergaminhos antigos, cartas lacradas, pumas e agulhas, tudo isso trancafiados dentro da sua mente.

Enquanto permanece vagando no seu pensamento, os últimos raios ensolarados vão perdendo força. Os poucos que ainda restam iluminam sua admirável casa, feita de madeira marrom, macia e morna. Um lar modesto para tal pessoa, um lar modesto pelo que fez, pelo que é.

Prontamente estaria de noite, e o silencio aconchegante da janta tomaria posse do ambiente. Afinal, é rotineiro nessa vila que todos jantem logo ao pôr do sol, reunindo famílias, amigos, até vizinhos....

Jack ouve a algazarra das crianças e garotos que ainda brincam perto das arvores, perto no limite da vila com a selva. Elas correm e gritam o tempo todo nessa época de fim de ano, pois famílias se juntam nesse período, trazendo toda a agitação da cidade grande para aquela pacata vila. Mas Jack já se acostumou com essa agitação, até gosta da vivacidade lá fora.

O conforte que sente é de saber que há tantas pessoas felizes ao seu redor, sem inimigos ou desafios eminentes, apenas há famílias juntas; luzes de natal, que decoram e aquecem as casas e arvores com sua luz quente; as aventuras, as escaladas em arvores que os pirralhos afobados fazem; os bares superlotados de pessoas, jogando e dando risadas berrantes, tão altas que ele as escuta até mesmo na sua casa.

Ele escuta tudo, e a cada som arquiteta uma cena do que ocorre, todos com expressões felizes, afáveis. Mas isso não dura muito, pois Jack lembra de que insetos logo iriam aparecer. Sem

muito animo ele levanta e fecha todas as vidraças da sua casa, retendo não apenas os insetos, como também todo vento frio que entrava.

Depois, sem muitas escolhas, Jack empenhou-se em lavar a louça, a tal suja de gordura das carnes feitas no almoço, e de doce, pelo sorvete que ele serviu de sobremesa para ele, seu recente hóspede.

O tempo passa e Jack lava o último prato, nisso, ouve a porta rangendo, ele vira e vê dois jovens entrando, ambos com quase a mesma altura, mas um é gordo e o outro normal. Ambos estão ofegantes, e também sujos de lama no corpo e nas roupas, principalmente os calçados, os quais estão com barro impregnado.

- Olá pai! Olhe, esse é o Julian! Ele veio da cidade com a família dele - dizia um garoto, um tanto quanto incomum. Seria normal se não tivesse aquele estranho sotaque, e aquela estranha cor de cabelo.

- Olá Julian! Gostando desse fim de mundo? - Jackson pergunta sorridente, enquanto seca suas mãos num pano velho, guardado no bolso da sua calça.

- Tá brincando!? - respondeu o garoto gordo - Isso é o máximo! Hoje quase fomos atacados por uma raposa... ou algo assim - Julian estava ofegante e torcia o nariz, incerto do que falava.

- Difícil... - disse Jack, pensativo - Não seria um guaxinim? Eles são comuns por aqui.... Entende? ... Raposas são avermelhadas... grandes....

- Ah! Então foi isso, um guaxi... guaxinim! - conclui Julian.

- Da para ver pela cara de vocês que estão gostando. Até parece que são nunca estiveram no meio do mato - Jack para de falar, pensa um pouco, depois retorna: - Julian, nunca esteve no interior? - perguntou ele, num tom meio intrigado.

Os garotos já estavam tirando os sapatos e colocando-os rente a parede. Depois começaram a tirar as meias suadas e sujas. Enquanto isso Jack tenta disfarçar o cheiro forte que toma conta do local, uma junção de chulé com barro seco.

- Sim tio, já estive - respondeu o garoto, ainda ofegante. - Mas foram poucas... E, em nenhuma delas eu me diverti tanto quanto... tanto quanto hoje.

- E você filho, está gostando? Tua cara não me engana - Jack, enquanto fala, aponta para uma cadeira ali perto, afim de que Julian pudesse descansar um pouco nela. O tal estava ofegante, e encontrava suor até mesmo escorrendo em sua testa.

- Bem... - Richard tentava responder seu pai.

- Ele!?... Ele não parou de ficar olhando o céu - interrompeu Julian, enquanto acomodava-se na cadeira. - Até parecia que nunca tinha visto um céu na vida! - o garoto respira fundo para continuar a falar: - *Ahhh*! ... Preciso perder peso logo, se não vou ter um infarto! - o garoto colocou a mão em seu peito, para verificar seus batimentos. Nisso, pai e filho olhão com atenção, preocupados com o garoto. E, se houvesse outra pessoa no local, certamente notaria o quanto eram parecido os olhares de Jack e seu filho, olhares fixos, inteligentes, vividos, ríspidos...

Julian então percebe que ambos estão preocupados com que disse e, visto isso, decide explicar-se: - Não... estou bem pessoal... É que eu sou meio exagerado mesmo. Está tudo certo... - termina ele, dando um sorriso meio sem jeito.

- *Hummm*... bem, então quer dizer que meu filho adorou o céu!? - disse Jack, mantendo a conversa. - O que um ar limpo não faz, não é!?

Uma pequena pausa ocorreu entre Jack e o jovem gordo. Ambos estavam esperando alguns manifesto de Richard, o jovem com cabelo estranho, mas o tal parecia distante; longe daquela conversa.

- Ei... filho!? - Reiterou Jack.

- Ah! Desculpe.... O céu estava lindo mesmo - respondeu Richard, meio constrangido.

- É só um céu cara! - intrigou-se Julian. - Tu tava olhando tanto pra cima, que nem percebeu o bicho pegando sua sacola.

- Os guaxinins são assim mesmo, Julian.... - Richard não parecia interessado no assunto. - Pai, todos os dias o céu é assim?

O rosto do seu amigo estava confuso, quase boquiaberto. Não entendia a pergunta que ele havia feito, pois essa só poderia ser compreendida por pai e filho, cujo mantinham um segredo em comum. Porém, Jack manteve a postura e escolheu as palavras certas para resolver esse impasse:

- Quase todos os dias filho, mas uma coisa é certa: ele sempre é mutável.... - Jack olha apenas para seu filho e dá uma piscada. - Ei Julian, e que a cidade em que meu filho mora tem muita poluição, nem dá para ver o céu lá. Só há cinza, acredita?

O garoto gordo muda sua face, agora mostra um rosto de compreensão. E Jack percebe isso, ficando satisfeito a explicação que escolhera.

- *Hummm*... Sim tio, entendo, a minha tá quase assim - concluiu Julian, um pouco mais calmo agora.

Jack queria mudar o assunto, nisso percebeu o quanto ambos deviam estar com fome.

- Bem, o que vão querer comer? Julian, pode jantar aqui hoje? - apontando para tal. - Se quiserem posso preparar agora a janta, o que acham?

- Sim pai - apressou-se Richard - eu já fui na casa dos pais dele e combinamos que ele iria jantar aqui...

- Isso mesmo! E eu quero soda! *Uhuuu*!!! Soda! - Julian sorria ao falar. Ele estava com os olhos castanhos brilhando. - Eu *tô* com uma sede... - tentando engolir saliva, mas sua garganta estava seca, fazendo-o tossir.

- Nada disso, o que temos hoje é fruta... suco, ou agua. Conhece? - interpôs Jack, arqueando a sobrancelha.

Julian por um momento estava desapontado, mas assim que Jack apontou para o cesto de frutas, que estava na cozinha - essa conjugada com a sala -, ele viu o quanto eram avermelhada as maças, e o quanto eram grande as laranjas. Isso fez com que o garoto mudasse de opinião:

- Bem... acho que pode ser, tio. Um pouco suco não faz mal, *neh*!?

- Claro que não! Pelo contrário rapaz, vai deixa-lo mais saudável - Jack animou-se um pouco, esfregando as mãos umas nas outras. - Então, enquanto preparo a janta vão logo tomar um banho seus porcos. Quando voltarem já vai estar tudo pronto. E Julian, se quiser tomar agua fique à vontade, mas não tome muito se não vai sobrar suco depois.

- Ah Sim! - respondeu ele. - Não vou tomar muito... mas tio, aonde que é o banheiro?

Jack conduziu eles para o corredor, o qual tinha uma boa parte conjugada com sala, depois apontou para o lado esquerdo, mostrando o caminho para Julian:

- Pode usar o banheiro de baixo, o meu filho usa outro, lá em cima. O seu é só ir até o final do corredor - disse Jack, apontando para o tal lugar.

Nos 6 metros do corredor, na parte não conjugada, havia três portas nesse espaço, e no final uma bela vidraça. A tal mantinha retido as folhas alvoroçadas da arvore rente a casa.

O céu estava escuro, mas a casa estava bem iluminada pelos lustres e luzes natalinas, que Jack e seu filho arrumaram no dia anterior. Faltava apenas a arvore de natal e alguns detalhes a serem arrumados para deixar Richard satisfeito com a decoração.

Enquanto Julian procura o banheiro, Jack conversa com seu filho:

- Filho, já sabe onde fica o outro banheiro, não?

- Sim, eu sei. Pode deixar pai - Richard, pensativo.

- Bem... sem bagunça então, e não demorem! Tem toalhas para visitantes nas prateleiras. Escolham uma só e enxuguem-se bem - Jack falava meio alto, afim de que Julian escutasse. O tal já estava abrindo a porta do banheiro.

- *Okay*! - respondeu Julian, antes de entrar.

- Sim, tudo bem - concordou Richard, parado na escada.

- Ah! Filho... antes de tomar banho pegue um conjunto de roupa e leve para seu amigo.

- *Vish*... - preocupou-se Julian, reaparecendo no corredor. - Mas vê se pega as maiores que tiver, certo cara?

- Claro! Pode deixar - disse Richard, falando alto e sorrindo. Já estava oculto de todos, pois estava subindo a escada.

Antes de pegar outra escada e subir para o sótão, onde era seu quarto improvisado, Richard consegui ouvir o final da conversa entre seu amigo e seu pai.

- Ei, e a agua? Não vai tomar? - era a voz abafada do seu pai.

- Sim! Mas pense um pouco tio, no chuveiro cai muita agua - disse Julian, com confiança.

Richard sorriu novamente e indignou-se com o dialogo do seu amigo. Mas não ligou muito, afinal, estava muito ansioso e só pensava sobre como poderia ser a história dos seus pais.

A vida que Richard vivia em Cambey, que não era sua cidade natal, era diferente do que estava acostumado. Ele tinha um segredo, ele era importante de onde viera, cuidado por muitos e bajulado por todos. E, a seu pedido, foi mandado para a pequena vila onde seu pai estava. Lá, quase que sozinho, esperava desvendar uma grande escuridão do seu passado, da história dos seus pais, da história da sua cidade - oculta para muitos -, de como ela foi salva... e de como ela quase foi destruída... Mas Richard queria saber também da força do seu pai, um homem que derrotou o próprio mundo, um homem que enfrentou seu próprio ancestral, mesmo este tendo milhares de anos a sua frente, um homem que nasceu predestinado a viver

intensamente. Contudo, o que ele mais queria saber era a verdadeira história da sua mãe, da sua real mãe, e essa história Jack muito bem....

&

Noite e Lua tomam o céu estrelado de Cambey. Algumas vozes são ouvidas, mas são distantes, mal são percebidas pelos três habitam a casa. O único som audível é do vendo, esse sempre presente à noite, chocando-se levemente ao redor da casa, as vezes pressionando um pouco a vidraça, em outras fazendo ranger as madeiras frouxas. Jack ouve esses sons como algo acolhedor, algo que o deixa tranquilo, seguro. Tão aconchegado quanto um bebe no colo da sua mãe, que dorme, tranquilo, em plenitude, sem preocupações.

O tempo passou feito vento, e o trio já estava jantando. Não havia muitas luminárias no local, mas as que tinham eram suficiente para iluminar todos os cantos do amplo cômodo conjugado.

Jack estava adorando o silencio, gostava do som do vento lá fora, mas ao mesmo tempo temia o silencio dentro da casa. Seu filho estava quieto, assim como Julian também, e sem querer deixar uma má impressão, Jack pergunta:

- O suco está bom? - disse ele, perguntando para Julian.

- Gostei - respondeu o garoto gordo, gentilmente -, vou pedir pra minha mãe fazer quando voltarmos.

- Ela nunca fez suco para você? - disse Jack, com um olhar de desaprovação.

- Fez, mas eu nunca tomei... - disse ele, fechando a cara.

- Ah! Entendo... - respondeu Jack, com um ar descrente.

Richard até aquele momento não havia falado, contudo aquele assunto que seguia fez lembrar da sua mãe.

- A minha mãe adora fazer suco com....

- Laranja! - disse Jack, animado, interrompendo seu filho. - Eu sei disso! Ela sempre pedia pra que eu buscasse algumas laranjinhas e fizesse pra ela um jarro enorme de suco.

- Ela me contou sobre isso... - disse Richard, afirmando com a cabeça.

- Então seu pai que fazia as compras da casa... que massa! - disse Julian, interrompendo ambos - O meu pai não gosta disso, ele acha coisa de mulher...

- Não! - disse Richard, meio ríspido. - Minha mãe disse que ele colhia, colhia do pé mesmo! Ela adorava ver ele caindo dos galhos para pegar as melhores... as maiores laranjas, para ela.

- Pois é - continuou Jack -, tínhamos um pé no pequeno gramado da nossa casa - O homem que falava estava mentindo, não era apenas um laranjeiro que havia, eram muitos! Eram supremos, recebiam uma luz que não era do Sol. E junto com aquelas laranjeiras haviam outras arvores, que juntas formavam um gigantesco bosque. Um local magnifico, certamente se alguém um dia esteve lá, jamais esquecera.

Jack, lembrando desse local magnifico, teve pena em reduzir o lindo cenário de sua memória para algo tão fútil, tão simples.

Julian é o tipo de pessoa que gosta de perguntar, gosta de saber sobre os assuntos dos outros, não por ser intrometido, mas sim, por gostar de falar, mesmo que essa sejam, as vezes, um tanto quanto inconvenientes.

- Aonde você mora Richard? Mora em Dalton? - perguntou Julian.

Os olhos de Richard se arregalam, de espanto, pois não sabe o que responder. Entretanto, Jack olha para seu filho com um olhar confiante, depois toma posse da conversa:

- Não, ele mora em Nult. Muito longe daqui, ou de Dalton - Jack sorri. - Não é à toa que essa foi a primeira vez que ele veio para cá.

- Que pena... Richard, se você morasse perto eu queria ir visita-lo sempre que pudesse... - Julian parece meio isolado ao falar. - É que eu tenho alguns jogos novos lá em casa, mas não tenho muitos amigos pra jogar.

- Jogos!? Isso ainda existe? - disse Jack, puxando assunto.

- *Clarooo*! - disse Julian, incrédulo. - Eu adoro jogar porque eu posso estar em qualquer lugar, posso ser um soldado ou um alienígena, ou qualquer outra coisa.

- E é bom? Ou só joga para passar o tempo? - perguntou Jack.

- Ótimo! ... Bem, eu acho... É que eu não tenho muitos concorrentes. Então, posso ser bom ou ruim, isso depende, não!?

- Sim, mas pelo menos admitiu isso, não é? - falou Jack. - Isso já é um bom passo, Julian - ele olha para o tal menino e faz um ar de orgulhoso.

Depois das trocas de gentilezas um silencio reina brevemente na mesa, Jack aproveita e torna a comer, pegando uma torrada com geleia. Enquanto isso seu filho pega mais suco, depois pega uma fatia de bolo caseiro, come e toma cada qual, fazendo-os com toda educação que poderia ter.

- Ei, tio… - disse Julian, quebrando o silêncio.

- Horas, vamos! Não me chame de tio! - disse Jack, meio cômico. - Eu me sinto mais velho... Quem sabe você pode me chamar de....

- Mano?

- Nem tanto....

- Champz!?

- Tio tá ótimo....

- Então, tio Jack - continuou Julian -, não tem vontade de morar na cidade?

- Talvez, mas eu estou de férias e preciso relaxar. Sabe, deixar as ideias organizadas... Assim como vocês! Estão de férias, não?

- Estamos... Mas seu filho me contou que já está aqui há mais de 9 meses...

- E que estou tirando férias de uma década inteira - respondeu Jack, tirando de letra a resposta. - Posso dizer que um ano de descanso é até que justo para mim.

- E no que você trabalha tio? - disse Julian, indignado. - Seu chefe deve ser terrível! Meu pai sempre fica xingando o dele quando pode, uma dia ele imprimiu a foto do chefe e colocou no saco de pancadas, lá de casa - o garoto sorri. - Esse dia foi hilário!

- Ei, quantos anos você tem mesmo garoto? - perguntou Jack, com desconfiança. - Na sua idade eu mal sabia escreve meu nome completo... É estranho ver um garoto da sua idade ser tão interessado por esses assuntos... Mas não estou dizendo que isso seja ruim.

- E que meu pai sempre diz pra eu conhecer bem as pessoas. Ele disse que isso é importante para mim, pois eu vou precisar disso no futuro - respondeu Julian.

- Bem, então, respondendo sua pergunta, eu nunca tive ou tenho, chefe algum - Jack aponta para uma torrada, ele pede para que a alcance-a para ele. - E eu não trabalho, pelo menos não no que você possa imaginar. Entende? Vivo sem regras, assim dizendo - Julian passa a torrada para Jack, então ele passa geleia até cobrir a torrada e dá uma abocanhada.

- Entendo - disse Julian, seriamente - Meu pai também tem alguns segredos, ele também me disse que não gosta de conta-los.

- Ótimo... - diz Jack, tentando falar com a boca cheia -, estou vendo que é muito inteligente.

- E a roupa? - Julian com dificuldades estica a camisa, afim de mostra-la. - Posso devolver amanhã? - era a roupa que Richard havia emprestado, era a maior que ele tinha e mesmo assim estava meio estufada para Julian.

- Fique tranquilo - respondeu Jack, abocanhando o resto do seu pão -, devolva quando puder. Agora coma logo essa torrada e tome esse suco... Seu pai já deve estar preocupado com você - Jack tentava falar com a boca cheia de milhada de pão seco, fazendo os jovens rirem dele. E, percebendo que estavam se divertindo com ele, logo pegou outra torrada e começou a morder, e ao mesmo tempo tentava pronunciar palavras chulas. Cada uma delas expressando um rosto diference, de raiva, de impaciente, um de zonzo outro de nervoso.

Depois da troca de palhaçadas a conversa não avançou muito, deixando o barulho do vento reinar novamente, e aos poucos alguns sons de animais famintos eram ouvidos, mas estes estavam distantes. A única agitação que realmente havia era os olhares trocados por pai e filho, como se um tentasse falar algo para o outro, querendo dizer, mas sem falar uma palavra se quer.

O jantar não passou de 20 minutos, e depois disso o garoto, Julian, foi para a casa dos seus familiares, mas antes de ir adiantou que no outro dia iria querer voltar lá. Nisso Jack concordou sem hesitar. E, após sua ida um silencio ainda maior ocupou a casa.

Jack estava ansioso, mas não era um anseio bom, era um sentimento de culpa, de obrigação. Esse medo era a sua repentina lembrança dos tempos com a mãe do garoto. Ele era como um museu de lembranças, pois seu cabelo era idêntico, o rosto era gentil como tal. E os olhos!? Esses pareciam ser tirados dela mesma, com olhos simples, e detalhados ao mesmo tempo, um par ameno e calmo que pareciam saber do futuro, pareciam ver além da visão comum, parecia ver mais cores, mais textura, mais vida...

&

Após a ida de Julian, Jack descansa um pouco na sala, bebendo um pouco, olhando para além da vidraça, para as

estrelas, e lá projeta cenas do seu passado, e também tenta imaginar como estariam naquele momento as pessoas com que conheceu na sua longa jornada... Muito longa e muito longe, perigosa e interessante, traiçoeira e encantadora...

Richard permaneceu até aquele momento em seu quarto, vendo as notícias, lendo um pouco, ajeitando seu quarto... Mas a noite estava avançando e seu anseio aumentava. Ele desceu as escadas e foi para sala, onde encontrou seu pai descansando ao lado do sofá, na poltrona, com uma garrafa na mão e os olhos distantes, olhando para a vidraça ao lado, olhando para o além.

- Pai... você me prometeu… - disse ele, enquanto o olhava. O rosto do jovem era uma mistura de ansiedade e desolação, olhos cheios de perguntas, esbanjados de ansiedade.

Jack estava sentado na sua poltrona, a segunda que mais gostava, em frente a fogueira, quente como sempre, deixando a sala confortável com sua quentura. E ele quase cochilava, variando entre acordado e sonhando, olhando para o céu, olhando para a lareira... as vezes bebia, as vezes sonhava rápido. Ele só não havia adormecido pois sabia que seu filho logo apareceria, e pediria para ler a tal história misteriosa.

- Sim... eu disse - Jack ajeitou-se na poltrona, depois começou a esfregar o olho. - Mas se preferir você mesmo pode ler, filho. Eu escrevi tudo o que precisava ser escrito, e eles estão lá, na mesa do seu quarto. Só não deixe ninguém ler aqueles livros, eles são....

- É a história dos meus pais! - Richard interrompe seu pai, ele não está furioso ou brabo, apenas um pouco tenso. - De você, da mamãe... E ela me disse que a história é linda, e que era você quem deveria contar pra mim... - O garoto solta uma bufada, depois continua: - Eu vi ela chorando, pai.

- Hã? ... Mesmo? - Jack estava meio confuso, seu rosto estava pasmo.

- Sim... Ela disse que sente saudades... saudades da época, das aventuras, e de você.

- Bem...- Jack enquanto pensa no assunto respira fundo, depois solta lentamente o ar. - .... Acho que posso ler o livro, filho. Mas depois vai ter que me contar sobre as novidades lá da cidade. E também sobre sua mãe.

O jovem sorri, mostrando os dentes brancos. Seus olhos estão vividos como nunca, e seu sorriso o mais estendido possível.

- Brigado pai! - desabafou ele, quase chorando.

- Certo, certo, mas agora vá para seu quarto, filho. Eu já vou ler o livro - disse Jack, tentando reprimir o medo e a empolgação do seu rosto, mas não pode evitar um leve sorriso surgido contra sua vontade. Mas esse sorriso estava oculto para Richard, pois ele estava observando a lareira, as chamas que emergiam e bailavam freneticamente.

- Tudo bem, mas não demore pai - Disse ele, puxando um pouco da sua ousadia que herdara em sua cidade, a tal que idolatravam como filho do fogo, filho da tormenta, filho do dragão.

Jack espera seu filho sair para dar os últimos dois goles que havia em garrafa. Depois levanta e começa a ajeitar alguns detalhes da casa, depois trata de apagar as luzes e trancar as portas.

Enquanto isso, em sua mente, reinavam lembranças antigas, e elas a maioria boas de serem relembradas. Muitas destas estavam tão acesas em sua alma que pareciam ter ocorrido minutos atrás. Eram lembranças tão fortes que mal sentia o tempo que separava ambas. Sua mente parecia não saber ao certo em que mundo, e tempo, ocupava-se.

Jackson sempre foi um grande aventureiro, pelo menos nos últimos anos, mas nunca esteve tão esperançoso em sua vida quando naquele momento. Ele via a possibilidade de reencontrar sua amada, mesmo que fosse uma pequena possibilidade, mesmo assim era uma chance. Jack, o homem que sobreviveu e explorou diversos mundos, tanto internos quantos externos, o

homem que presenciou coisas que jamais alguém presenciou, agora queria apenas reencontrar alguém... O amor por sua amada nunca foi apagado, foi atiçado por anos até virar um fogo imenso, queimando qualquer coisa ruim que se aproximasse, queimando principalmente a tristeza, o abismo, a escuridão, a solidão.... O que restava era imune ao fogo, o que restava era a essência para sua vida, era sua alma, era sua essência, era ele.

&

No terceiro andar, e último, permanecia apenas um único quarto, o quarto do sótão, pequeno e aconchegante. Com uma vidraça com vista para toda a vila, vendo muito além das casas, lojas e arvores do povoado. E, mesmo sendo de noite, era possível de ser notado as montanhas ao fundo; as arvores dançando ao ritmo do fraco vendaval; alguns seres andando pelas estradas. E se permanecesse olhando para a escuridão, poderia ser notado alguns vultos uivando, com seus pelos ríspidos ao frio, ao vento, mirando o focinho para lua, a tal impetuosa naquela noite.

Mas toda essa agitação pertencia ao lado exterior do vidro, enquanto ao interno restava um cômodo morno, iluminado por luzes quentes da recente decoração natalina. Aqueles pontos brilhantes no teto traziam boas lembranças para o garoto, como as lembranças da sua cidade, um tanto quanto exótica.

O garoto observa o horizonte meio escuro, olhando-a através da grande vidraça do seu quarto, essa rente cama onde ele está sentado, com seu pijama, esperando por seu pai, e fitando o céu escuro.

A vidraça não só cobria toda a extensão da cama como também uma parte da escrivaninha, essa ao lado do pé da cama, e com isso ambas ocupavam toda parte frontal do quarto. A vidraça não tinha como ser aberta, era de vidro único, meio resistente e velho, pois quando olhava através dela era fácil de

se ver deformações, parecidas como se a peça fosse feita de mel, e que este estivesse escorrendo aos poucos.

O quarto permanece monótono. Seu pai ainda não havia chegado, e ele continuou esperando em silencio. Começou então a percorrer os olhares pelo teto do quarto, estes eram de formato de ponta de um triangulo, todo feito de madeira, com belas bordas nos cantos e uma luminária, apagada, no ápice do forro. Ao lado do menino estava o criado mudo, o qual havia nele um copo com agua, um abajur e três livros, todos sem capa e escritos à mão; eram livros caseiros. Mas não eram só esses livros que haviam no quarto, existia também outros sete, estes pousados e empilhados na escrivaninha. Richard, contudo, sabia que a história de seus pais não estavam nesses livros, e sim nos 3 que estavam ao seu lado. Esses eram o necessário para saber de tudo que queria saber, bem, quase tudo.

Jack não sabia, mas o garoto aguardava a história com uma paixão extrema. Era a resposta para tudo que existia na mente dele, era a resposta para todos os mistérios que surgiram na sua vida.

Outro tempo passou, e nada de Jack. Sem ter muita paciência o garoto pega o primeiro livro, esse meio leve, dá uma olhada por cima, depois analisa sua estrutura externa, passando a mão pela capa feita de couro, percebe o poder que aquilo possui para ele, o faz brandir a alma de alegria. Depois pensa em abrir e ler... mas algo o faz parar, pois passos são ouvidos, passos do seu pai, estes acompanhados de pequenos rangidos ao pisar na madeiras frouxas.

Jack sobe na escada circular, meio longa, meio segura, a qual liga o corredor do segundo andar com o quarto do seu filho, no sótão. Não demora muito e Jack aparece no quarto, sorrindo e com seu hálito fresco.

- Desculpe... demorei, não? - faz uma pausa mas logo retoma: - É que tive que escovar os dentes. Já imaginou contar uma história com bafo de cerveja?

- Me deixaria tonto só com o cheiro - Disse Richard, encenando um dramático desmaio na sua cama.

- Não é pra tanto! Olhe... seu pai...- diz Jack, com orgulho em dizer aquilo - ...seu pai toma pouca bebida, é só hoje que exagerei um pouco, é porque ler esses livros e meio difícil, entende?

- A mamãe me disse isso também - acrescentou Richard.

Jack sorri, senta-se ao lado do seu filho e fita a paisagem lá fora. Então ele pensa um pouco, depois prossegue:

- Ei, saiba que eu também estou ansioso!? Tem muita coisa que eu já me esqueci...

- Faz muito tempo!? Quanto? - disse, intrigado. Ambos estavam olhando para fora, admirando o céu, não olhavam um para o outro, apenas escutavam que o outro dizia. A mutação das nuvens... a Lua... isso para Richard era incrível, e para Jack também interessante, mas ambos tinham sensações diferentes.

- Se faz muito tempo que eu escrevi? - perguntou Jack, em resposta Richard confirma que sim com a cabeça - Bem... eu escrevi logo depois que sai daquela cidade, mas foram apenas três livros. Depois eu... bem... aí já é outra história.... - terminou com um ar meio embaraçoso.

- Entendi, mas... vamos começar? - propôs Richard, impaciente.

Jack sorri, pede com gestos para que seu filho alcance o livro que está no seu colo, Richard entrega-o para seu pai, rapidamente. Então ele abre o livro, afim de ver qual era.

- *Hummm*, esse mesmo! - Jack olha para seu filho, o tal está com os olhos arregalados, como se esperasse com um anseio, sem fim, por aquilo.

- É, espero que esteja acordado até o fim. Se dormir antes eu vou parar de contar, entendeu? - perguntou Jack, agora olhando para seu filho.

- Eu não vou dormir até terminar esse livro! - respondeu Richard, confiante.

- Vai querer virar a noite?! Tudo bem, mas não conte isso para sua mãe - terminou piscando para seu filho.

O garoto passa um zíper imaginário em sua boca, fazendo Jack relembrar uma certa pessoa por alguns segundos.

- Pai! ... - o garoto chama a atenção do seu pai, o tal estava pensativo.

- Ah! Vamos sim... - surge um sorriso no rosto de Jack - Bem, vamos começar pelo começo, certo? - Richard fez que sim, com o rosto - Então... - Jack abre o livro, acha a primeira linha e começa a ler: - Tudo começou com uma vista...

Capítulo 2
Que comece a história

Tudo começou com uma vista deslumbrante. Os meus olhos miravam através da janela. Olhos que viam uma imensidão de montanhas do novo continente, as quais recém banhadas pelo sol do amanhecer. Olhava-as com uma vista privilegiada, de cima, vendo o horizonte se curvando, até sumir.

Estava sentado no avião, e á muito tempo não descansava, somente pensava na minha vida, tentando quem sabe entende-la. Eu precisava aceitar algo, difícil, recheado de dúvidas.

O que estava acontecendo parecia irreal para mim, e ao mesmo tempo estava eufórico, queria desvendar o que estava por vim. Mas chegou uma hora em que não aguentei mais, olhei para as montanhas distantes e deixei meus problemas vagarem por lá, distantes, isoladas. Fechei os olhos e relaxei.

Não posso dizer que durou muito meu sono, foi um momento em que vivi dois mundos: da minha imaginação e dos fragmentos do mundo real. Escutava tudo em minha volta, mas em outro plano estava vagando em um mundo desconhecido, ele

me dizia que algo novo estava por vim, bem... naquele momento acreditava ser apenas um sono, mas hoje sei que era além disso...

Após um tempo percebi que no mundo real algo me chamava, era alguém querendo falar comigo, então despertei, abri lentamente as pálpebras e vi uma mulher, que aparentava ter vinte e poucos anos, com cabelos morenos e rosto carismático. Ela apoiava uma mão em meu ombro, sacudindo-o de leve. Seus lábios também mexiam, então percebi que ela estava falando comigo:

- Moço, acorde! - ao perceber que eu tinha acordado ela retirou sua mão do meu ombro. - Bom dia! Nós já chegamos a nosso destino.

Ela sorria e apontava para a janela ao meu lado. Ao ver, me deslumbrei e dei um sorriso curto, depois levantei rapidamente, ainda meio atrapalhado.

- Obrigado... - procurando saber o nome da mulher, procurei pelo seu uniforme, porém ela não tinha nenhum emblema ou algo assim. Neste momento me deparei olhando para seus seios, e para piorar, ela usava um decote considerável.

Senti no momento uma certa culpa; acabei passando uma má impressão, mas logo ela percebeu minha intenção e entusiasmada estendeu sua mão e antecipou-se:

- Cristina Feltrin, bem-vindo senhor... - neste momento como reflexo estendi a mão para cumprimentá-la, e completei:

- Jackson Leander - disse, estendendo o sorriso na melhor maneira possível.

- Bem, Jack, seja bem-vindo! Eu tenho certeza que vai gostar daqui.

Ao escutar aquilo logo me lembrei de algo que era difícil aceitar. Mas deixei isso de lado, respondi com gentileza:

- Agradeço, e temo que uma boa sorte não será o bastante. O que eu tenho que fazer em Lijiang está mais para um *bom milagre* - arqueando uma sobrancelha no final.

- Lijiang... Eu nunca fui para lá, mas dizem que é bom! E o que o senhor vai aprontar por lá? Milagre!? Como assim?

- Bem... - soltei uma bufada - digamos que vou procurar alguém por lá. Mas vai ser muito difícil acha-lo. Entende?

- *Hummm*, mais nada de confusão, garotão! Esse povo é muito calmo.

- Pode deixar. Eu pretendo ser o menos barulhento possível.

Bem... Então, nesse caso, espero que dê tudo certo! - Cristina sorria para mim, era um sorriso gentil, avermelhado e sincero, algo que eu não via a muito tempo.

Após uma troca de rápidos olhares, Cristina foi embora, em direção da cabine, enquanto isso segui para fora do avião.

Mal tinha saído da aeronave e meus olhos, verdes acastanhados, brilharão ao encontrar a luz. Tudo era tão forte que não via quase nada. Mas, após um momento, tudo a minha frente tornou-se visível. Finalmente estava respirando um ar gelado, um ótimo ar que vinha das montanhas distantes e cobertas de gelo: as gigantescas montanhas da china.

&

Estava fora do aeroporto, em uma calçada simples, respirando o ar gelado da manhã. Tive a sensação de estar dentro de um congelador. E, olhando em volta, via arvores e pessoas calmas: as pessoas andando sem pressa e as arvores mostrando sua grandeza, com seus galhos em movimento, sendo precisos e únicos, comandados pelo vento.

Na saída do aeroporto havia diversos caminhos, e entre eles haviam muitos bancos, a maioria deles nas sombras das arvores. Estava tentador sentar num desses bancos e observar o local. Contudo, não poderia me dar o luxo de perder muito tempo ali. O local era divino e pretendia voltar quando

terminasse o que tinha que fazer, mas até lá meu destino era seguir em frente.

Já decidido, comecei a caminhar em direção ao final do bosque, ouvindo apenas o barulho do ambiente.

O dia estava bom para caminhar, porém, tinha pressa em descansar, tinha malas pesadas em minha posse. Então procurei por uma loja que alugasse carros.

Enquanto caminhava, o peso das malas levemente ia aumentando. Comigo estavam duas mochilas: uma de acampamento e outra mochila normal: e era nessa a qual estavam meus pertences, ou coisas importantes que carregava.

Continuei caminhando, alguns minutos se passaram e finalmente consegui encontrar uma loja de aluguel de carros.

A loja de locação ficava a cinco ou seis quadras do final do bosque do aeroporto. A loja em si era pequena, mas tinha um pátio onde deixavam os carros, os quais muitos pareciam estar em ótimo estado, e o que eu queria era apenas um que me levasse rápido e com segurança, para meu destino.

Mal tinha entrado e logo apareceu um chinês, aparentando ter mais de 60 anos, com um cabelo preto e grisalho curto, de um calvo grande que cobria todo o topo da sua cabeça. Depois que o vi ele mudou a velocidade de seus passos e lentamente foi chegando ao meu lado. Ao chegar, esboçou um sorriso gentil, e disse em mandarim:

- Boa tarde jovem - disse ele, estendendo ainda mais o sorriso -, gostaria de um chá? Deve estar cansado, não?

- ... Agradeço muito, mas tenho pressa - disse, tentando reviver meu mandarim, o qual meu tio sempre insistiu em me ensinar. Bem, acho que foi muito útil ter aprendido essa língua, afinal sem ela estaria em sérios apuros.

- Tem certeza? Temos bons chás aqui - perguntou novamente ele.

- Na volta tomarei, o que acha? - insisti, tentado ser gentil, pois tomar um chá com um chinês me parecia algo que

levaria horas. E com sono que estava tentava ser o mais breve possível - Eu só preciso de um carro para alugar.

Assim que disse ele confirmou com a cabeça positivamente, depois pediu para segui-lo.

- Vou até Lijiang, até no pé da *montanha do dragão*, e talvez demore um pouco lá. Preciso de algo confortável e seguro.

- Longa estrada vai percorrer... jovem - o senhor para de andar -, todos os carros aqui são seguros, mais entendo o que quis dizer - retornando a andar.

Senti uma leve dor na consciência, suas palavras pareciam de um sábio, o qual ficara descontente por ter duvidado de sua credibilidade.

Após saímos para o pátio segui-o por alguns passos até chegar a um carro, quase novo. As rodas eram novas e o veículo aparentava estar normal.

- Esse aqui, jovem - olhando para mim e abrindo a porta do automóvel. - Entre, vai gostar desse modelo. Ele é ótimo para viajantes que nem você. Sabe, os jovens que não tem medo das estradas.

Permaneci meio duvidoso, não sabia se aquilo era um elogio ou uma crítica.

- Sim, gostei dele! - disse, enquanto testava o volante - Vou levar esse mesmo. Onde assino? - levantando um sorriso ao sair do carro, pois queria o quanto antes pegar a estrada.

O senhor logo foi para sua mesa e tratou de fazer a papelada, depois assinei e fiz toda parte burocrática que restava. No final paguei uma taxa, e então já estava com o carro, pronto para ir estrada afora.

Antes de sair da loja o senhor me passou alguns conselhos de estradas, eu ouvi e compreendi tudo que dissera. Ele parecia importar-se com o carro que eu estava levando, mas também parecia preocupar-se comigo. O momento foi parecido com a de um pai ensinando seu filho a andar de bicicleta, dando-lhe conselhos de como manter-se em pé, de como não cair e etc.

Após sair da loja dirigi em direção a estrada principal, para o sudeste. A estrada era longa a ser seguida....

Já estava fora da cidade quando me lembrei que tinha esquecido de comprar os mantimentos, mas sabia que ao longo da estrada teria algum local para comprar isso. E não tardou para surgir um armazém na beira da estrada.

Em volta dela apenas arvores bem verdes. Era isolada mas tinha lugar para deixar o carro, em um local feito de estrada de barro. Sendo assim estacionei em frente ao celeiro fechado - que mantinha-se no lado do armazém.

Ao sair do carro nem me importei de fechar o vidro, pois o local parecia tranquilo, cercado de arvores grandes. Então andei na pequena calçada que levava até o local de compras.

O que me chamou a atenção foi que a armazém era uma casa de madeira grande, onde o dono mantinha uma loja no solo - pensei talvez que poderia ser uma pousada na parte de cima.

Na loja comprei tudo que precisava, inclusive algumas lembrancinhas. Além disso comprei coisas típicas da região. Era incrível como o dono da loja mantinha uma variedade tão grande de produtos. Então, além dos alimentos, comprei também: um chapéu chinês, uma barba falsa, alguns chás típicos; enfeites para carro; um tambor pequeno, esse feito de couro natural.

Após as compras sai da loja com algumas sacolas. Assim que botei os pés para fora me deparei com diversos macacos andando juntos, era um bando grande. Todos estavam atravessando do lado da loja para o outro lado da autoestrada - que por sorte estava sem movimento -, depois entrando floresta adentro. Permaneci por um momento vendo aquilo, era estranho e ao mesmo tempo natural. E, mesmo depois que todos entraram na mata, ainda consegui ouvir os barulho deles, bem ao fundo. Pareciam estar meio agitados.

Aqueles animais eram macacos ou macaquinhos - todos estranhos para mim -, tinham o rosto azulado e um pelo dourado

salpicado no corpo. Eu nunca tivera visto um macaco assim em meu país, nunca mesmo!

Depois de ver tal movimento, coloquei as coisas no banco de traz do carro, sem dar muita importância na organização, apenas joguei as sacolas lá, e pronto.

Sem demora já estava na estrava novamente. Com o chapéu chinês na cabeça e com a barba falsa grudada em meu rosto. Estava tudo pronto, enfim tinha uma longa estrada a minha esperava.

Enquanto dirigia calmamente pela estrada, quase oculta pelas arvores, mal podia imaginar o espanto que levaria ao descobrir que mais alguém estava naquele carro, escondido...

Capítulo 3
Um cheiro de frustação

A estrada afrente era calma e graciosa: uma estrada longa, entre morros e colinas, escondida por matagais e arvores. Era uma estrada calada... exceto por dois barulhos: o primeiro era as rodas rasgando o asfalto; e o outro era a música que eu ouvia, a qual ecoava para todos os lados.

A música estava alta, e eu acompanhava a letra - na verdade estragava a música -, fazia o melhor para soltar um voz perfeita, suave, mas em todos os momentos o que saiu foi um agudo, horrível.

Entre uma música e outra, algo se mexia no banco traseiro - na hora achei que era o vento entrando e sacudindo as sacolas no banco de trás -, então senti uma pequena mão agarrar e puxar meu cabelo. Assustado com aquilo, berrei: o qual foi mais rápido que um trovão e mais forte que um urgido de um urso feroz. Em seguida pisei no freio com tudo... fazendo o carro derrapar, parando-o de atravessado na pista.

A fumaça do pneu envolveu todo o carro, depois começou a entrar, afinal estava aberto o vidro do carro; tudo estava escuro e com cheiro ruim. E no mesmo momento tirei o cinto e rapidamente sai do carro, e quando percebi já estava a dez metros do veículo.

Respirei um pouco e permaneci olhando para a fumaceira, a qual estava sendo levada rapidamente pelo vento, entrando na floresta, sumindo em poucos segundos sua fumarada.

Com passos calmos e apreensivos comecei a me aproximar do carro, queria saber o que era aquilo, se é que estivesse lá ainda. Andei mais um pouco e estava bem rente ao veículo, mas nada de ver alguém lá, apenas via as sacolas bagunçadas pela freada brusca que fiz com o automóvel.

Quando já estava quase desistindo de olhar dentro do carro, es que surge um ser.... Bem, era nada menos que um macaquinho assustado. A minha sorte era que a estrada estava vazia, assim ninguém viu o mico que passei.

Pensei em como ele havia entrado no meu carro, mas não tardou para eu lembrar de algo:

- *Hummm*, então você entrou no meu carro quando eu estava fazendo compras!? - disse, apontando para ele. - Olhe só o que você fez... Agora seu bando tá longe daqui.

Já com os nervos calmos pensei no que faria em seguida, afinal não deixaria ele ali, longe do seu bando... mas por outro lado eu não poderia me dar o luxo de voltar e deixa-lo naquela região. Meu tempo estava contado, e a cada minuto eu sentia um vazio maior em meu peito, pois estava longe de todos, longe de quase toda família... sendo que o único que poderia estar por perto, era aquele que poderia nem estar mais vivo....

Não sabia o que fazer, então apenas fitava-o, tentando achar alguma solução enquanto olhava para aquele macaquinho intrigante. Mas o tempo passou e nada, o vento batia em meu

rosto e eu ainda pensava no assunto. O que faria? Levaria comigo? Bem, se fosse em outra situação eu voltaria para o local e deixaria ele lá, mas duas coisas me diziam para leva-lo: a falta de tempo e meu instinto.

- Bem... acho que vou leva-lo comigo. Talvez seja o destino que tenha trazido você, macaquinho. Bem... - Estava tentando explicar minha complicada situação - é que eu tenho uma grande tarefa... então, quer me ajudar? - perguntei, meio que para mim mesmo, sem esperar qualquer manifesto dele.

Para meu espanto o macaquinho parecia me entender. Em resposta ele sorriu para mim, depois olhou para frente - o macaquinho estava no banco de trás, bem no meio - e apontou para a estrada, dando a impressão que queria que retomar a viagem.

- O que!? Você me entendeu!? - disse, com um rosto espantado.

Ele não reagiu, apenas permaneceu no banco, olhando para frente, esperando eu começar a dirigir. E era o que eu deveria fazer, afinal meu carro estava no meio da rua, e além disso tinha compromissos...

Com a convicção de leva-lo, restou continuar a estrada. Um novo companheiro na minha viagem fora adicionado, assim unindo o útil ao agradável... Pelo menos na minha busca já não estava sozinho.

&

O vento que antes era meio agitado, agora estava forte. A paisagem também mudou: a longa estrada contornava uma montanha, feroz contra o vento, gigante contra todos, um calombo para o mundo.

Em minha companhia, naquela manhã meio escura, estava ele, o macaquinho intrigante. Quieto em seu canto, aos poucos perdendo sua timidez.

Sempre que podia tentava espiar o macaquinho. Tinha vezes em que ele estava quieto, porém, em outras vezes, ele erguia-se para olhar o horizonte. Mas depois de um tempo ele voltou mexer nas sacolas e malas, fuçando tudo que poderia fuçar, cheirando tudo que poderia cheirar. Percebi que conforme passava o tempo cada vez mais se acostumava com minha companhia.

Passados alguns quilômetros fiz uma pausa na beira da estrada, na margem de uma vila, e lá estava uma lanchonete: pequena e aconchegante, combinando com as arvores e casas ao fundo. O caminho que levava até ela era uma estradinha de pedra, que davam um tom de elegância para a habitação.

Dentro da lanchonete, enquanto comia, dava alguns pedaços de comida para o macaquinho - ele pegava sem hesitar -, pegando os pedaços com precisão e timidez.

Após um belo lanche descansamos um pouco. Sentados, estávamos ambos olhamos para a vidraça, a qual mostrava a estrada, as arvores agitadas, as montanhas e até um rio que passava bem longe: cruzando com as montanhas e arvores ao fundo. Era lá onde o vendaval era temido, o céu estava cinzento e o vento húmido das gotas que espalhava. Logo aquilo estaria passando pela nossa estrada.

Após um tempo observando o horizonte, agitado e escuro, voltamos para rodovia. Ainda faltava muitas horas de viagem e não seria bom esperar aquela tempestade, pois provavelmente ela me atrapalharia no caminho.

Sem demora saímos do local, nos protegendo das gotas ferozes que eram jogadas pelo vendaval. Entrando no carro logo coloquei um disco para tocar, de uma banda britânica, uma bela mistura de efeitos: sons, ventos e chuva.

Estávamos seguindo rumo, e fugindo do mal tempo. O tal macaquinho agora estava no banco da frente, e isso me deixava mais animado, afinal ele estava confinando em mim,

não tendo medo. Até desconfiei que ele estivesse gostando das músicas também.

- Então... vai me ajudar a ficar a acordado? - Esperando para ver se reagia, mas ele simplesmente olhava para mim. - Bem, nesse caso vou lhe dar um nome. Que tal... *Pulguento!*? - Assim que disse ele abaixou a cabeça, fazendo com que eu ficasse ressentido. Então pensei em outro nome. - Hummm, Jerico!? - sua expressão era quase boa - .... Hummm, deixa eu ver.... Já sei! Jerino! - enfim ele pulou e mostrou os dentes alegremente. Aquele seria o nome dele!

Os quilômetros passavam e o tal Jerino realmente me ajudou a ficar acordado, com suas macaquices. Ele até escolhia as músicas que tocariam, escolhendo os discos, apontando para os que queria.

Conforme corríamos pela estrada ia ficando cada vez mais claro, menos agitado. A tempestade estava ficando para trás, o céu azulado foi dominando o ambiente e o sol ficando cada vez mais no topo.

Era quase meio dia quando passamos por um cartaz que dizia haver uma pequena parada, com hospedaria e comida, também dizia não ficar muito longe da estrada principal, cerca de meio quilometro, apenas.

Decidi parar um pouco para fazer um lanche, e encher o tanque. Logo cheguei ao local estacionei rente a um morrinho, numa calçada com pedras cinzentas. Depois sai do carro e segui rumo, contudo estava faltando algo: era Jerino. Ele não fez nenhum barulho mas ele me olhava, de dentro do carro, com um rosto de solidão. Sem ter muita escolha voltei para pega-lo.

- Há, esqueci que agora sou babá! - disse, enquanto abria a porta do carro.

Em resposta ele apenas saiu do veículo e subiu na minha perna, escalando até chegar no meu ombro. Lá, segurou levemente em meu cabelo e no meu sombreiro, o qual havia comprado na primeira loja que visitei. O tempo havia mudado,

estava com um bom sol aquela tarde, e aquele sombreiro protegia tanto eu como o meu macaquinho.

Era uma sensação boa deixa-lo ali, pois ele parecia me considerar um amigo. Sendo assim, no mesmo modo, seguimos para o morrinho, nele havia uma calçada feita de pedras, a qual levaria direto para a tal vila.

Capítulo 4
Pequena pausa, grande tombo

Antes de descemos o morrinho, percebi que o local não se travava de uma simples loja, e sim de uma pequena vila.

A vila que avistava de longe em si era simples - simples, mais não pobre! -, com arvores espalhadas em vários cantos, e trilhas ligando uma casa à outra. Na vila também havia um lago, no lado direito, próximo a um morro a qual protegia parte do local, cobrindo-o em um semicírculo. A tal lagoa tinha um formato bem variado, extenso, tendo em sua extensão locais que era possível até mesmo atravessar pulando de tão magro que era, e poderia ser um pulo sem medo, afinal, o lago era tão cristalino que arriscaria tomar agua ali.

No topo do morro apenas arvores e algumas casas desbravadoras, pois quase todas as moradias estavam no centro do semicírculo da colina, onde era plano, protegido das ventanias e dos olhares indesejados de qualquer animal.

Dentre as casas, avistei de longe uma que me chamou atenção, pois era bem receptiva, grande e elegante. Mas antes de chegar lá, precisei seguir por um estradinha feita de madeira - a qual virava uma pequena ponte mais para frente, a qual atravessava o estreito lago.

Assim que eu e Jerino chegamos no fim da estrada, seguimos em direção da tal loja - a qual parecia ser uma espécie de casa central da vila. - O casarão tinha três andares e era feito

de madeira e de pequenos tijolos, esses formavam a base da casa, enquanto a madeira moldava os outros dois andares. Ao lado da grande casa havia uma bela arvore, a qual roçava suas folhas nas partes mais altas da grande casa. A única parte da habitação que não estava em perfeita ordem era vidraça da frente, pois estava quebrada, parecendo que alguém havia jogado uma cadeira nela, ou algo assim.

Havíamos entrado no local mas demorou um pouco até que eu pudesse ver algo, afinal, meus olhos estavam acostumados ao sol forte. Assim que me adaptei, percebi do que se travava: várias mesas, a qual a maioria tinha alguém sentado; um balcão ao fundo, onde estava um casal de chineses - donos do local -; algumas janelas; algumas portas, uma delas dando acesso ao outro andar, onde era necessário apenas subir uma escada para alcançar a tal. Contudo, o interessante foi ver um bocado de pessoas reunidas lá. E, a julgar pelo tamanho da vila, poderia apostar que uma boa parte de todos estavam reunidos ali. Era como eu suspeitava, era uma espécie de casa central, ou uma taverna meio formal... algo assim, que reunia senhores para um bom papo, para almoçar e descansar.

Bem, eu vi todos, e todos me olharam... Mas algo me dizia que eu estava estranho, afinal, meu estilo de roupa era no mínimo de um forasteiro: um ser com chapéu chinês - me deixando um tanto quanto idiota -; roupas americanizadas, incluindo um shorts listrado que havia ganhado ano passado, da minha tia; e se não bastasse ainda tinha um macaco, no meu ombro, segurando na aba do meu chapéu e observando à todos com um olhar que transmita algo como: “Jack, você é um babaca! E quem são esses caras loucos me olhando?”

Minha impressão sobre aquelas pessoas mudou, eles não demostraram estranheza ou mesmo riram da minha cara. Isso me fez relembrar de que estava em outro continente, e que ali viviam pessoas diferentes, menos arrogantes. E não tardou para que